

era — por uns, qualificada de loucura — por outros, de aberração satânica — e que os filiados sofrem, impássiveis, o ridículo e os anátemas, compadecidos dos que os ofendem com seus sarcasmos ou os perseguem com suas maldições. Que o fundamento da sua religião era a caridade, na qual faziam consistir a moral e as ações humanas — e que a caridade era para êles o essencial do culto, apoiando-se em que o coração e as obras são os únicos e legítimos títulos de merecimento do espírito. Que pregavam recompensas e castigos espirituais em justíssima proporção com o bem ou o mal realizado durante a vida corporal. Que acreditavam na pluralidade dos mundos habitados, considerando a obra da criação, magestosa e grande, como emanação da sabedoria infinita — e na pluralidade de existências, como necessária ao desenvolvimento progressivo e gradual das criaturas, para chegarem á perfeição, que é o fim, e outro não pôde ser, da lei a que todo o universo obedece. E, por último, que, achando-se comprovada, desde a mais remota antiguidade, a comunicação do mundo espiritual com o dos incarnationados — comunicação autorizada pelo Evangelho e confirmada por experiências recentes e indubitáveis, é ela aceita, e os ensinos dos Espíritos são como fachos luminosos postos por Deus na senda da humanidade, para alentá-la e guiá-la.

Ainda bem! Qual destes pontos e qual destas afirmações pôde ter dado motivo a que seus defensores sejam motejados por loucos ou como instrumentos infernais?

Achar-se-ão, por desgraça, tão obsecadas as consciências, que se julgue loucura recomendar-se a caridade — e conceito diabólico a idéia de um Deus infinitamente grande — infinitamente justo — infinitamente sábio — infinitamente misericordioso e bom?

A ignorância e a malícia sempre se deram as mãos para rechassarem a verdade e defenderem o êrro.

O próprio Jesus Cristo foi qualificado louco, impostor e instrumento de Belzebú, por seus contemporâneos e, por último, sofreu a morte, em testemunho da bondade da sua doutrina.

XI

Os adeptos da nova escola. Os defensores da última hora do catolicismo romano. Campanha clerical.

Antes de condenar e antes de aceitar uma doutrina, é preciso estudá-la, afim de não incorrer-se na insensatez de abraçar ou combater uma coisa sem convicção e sem conhecimento dela; procedimento leviano e atoleimado.

Antes de se arguir de malícia ou de loucura, é preciso certificar-se de modo irrecusável de que, na realidade, há loucura ou malícia no ponto obscuro de que se trata.

Tomando esta norma, que nos pareceu a mais prudente e acertada, resolvêmos certificarmo-nos, por nós mesmos, e não de ouvido, como muitos o fazem, do que podia haver de verdade ou de falsidade na escola espiritista, que é a nova escola filosófico-religiosa a que nos referimos sem designá-la.

Sabíamos que lhe estavam filiados muitos homens distintos por seu caráter, pela firmeza de suas convicções cristãs, por sua grande elevação na república das letras, por sua posição política e social, e que ela contava, no considerável número de seus adeptos, homens de todas as classes e condições, desde a mais humilde até a mais elevada; e, em verdade, essa circunstância muito concorreu para a nossa resolução de estudar o Espiritismo, entendendo que, se êle era uma loucura, não podia ser senão uma sublime loucura, pois que o abraçavam e faziam seu, inteligências tão privilegiadas e tão puros corações.

Corriamos ao risco de ser vítimas do contágio; consolava-nos, porém, pensar que sofreríamos a qualificação na mais honrosa e judiciosa companhia.

Tinhamos além disso observado que, entre os mais fervorosos advogados da igreja romana, nas discussões privadas que frequentemente se suscitavam a respeito da nova escola, figuravam não poucos homens de moralidade e crenças um tanto suspeitas, homens que já haviam ridicularizado o catolicismo, homens descrentes que sempre fizeram gala da sua incredulidade, homens de ouro, positivistas de ruim gênero, sem consciência nem pudor, que tudo subordinavam á sua insaciável sede de bens e conveniências materiais.

E, ao vêr e ouvir tais defensores da última hora falarem a favor das doutrinas de Roma, tão empenhados em opôrem-se á invasão da loucura espírita, sentimo-nos inclinados a suspeitar de que essa loucura condenava a sua licença, e de que êles estavam mais a gosto dentro da moral romana.

Também excitou vivamente a nossa atenção a cruel guerra movida pelo clero ás novas doutrinas, ás quais se opõe com empenho muito maior e maior energia, do que ao materialismo, inimigo capital e o mais implacável de toda a crença religiosa.

Concordando-se mesmo que a escola espírita não interpréte fielmente o espírito do Evangelho, a verdade é que ela o aceita como base de suas crenças, e só isto era bastante para que o clero romano limitasse a sua campanha a mostrar-lhe os êrrros e a atraí-la, com amor e mansidão, ao redil da ortodoxia.

Longe porém de discutir com unção e brandura, êle rompe abertamente com os novos propagandistas — vitupera-os — insulta-os — amaldiçoa-os — apelida-os instrumentos de Satanaz — e, como tais, vomita sobre êles toda a bilis que pôde caber em um coração nada cristão.

Porque tanta tolerância com os apóstolos da matéria — e tanta raiva com os espíritas que, afinal de contas, procedem do mesmo tronco que os partidários da infalibilidade papal?

Quando falará a esfinge para revelar a razão de tão irregular e misteriosa conduta?

XII

O catolicismo combatido pela nova escola com os ensinamentos do Cristo. O Espiritismo: seus princípios. Os mercadores do Templo.

Não é necessário que a esfinge fale; a chave das iras sacerdotais temô-la no estudo dos princípios e doutrinas que se propagam á sombra da bandeira desfraldada por Jesus há dezenove séculos, e que tem sido transformada em trapo pelos que a têm manuseado e explorado.

Alguns homens de boa vontade, persuadidos de que não pôde ser verdadeira a religião que condena o progresso humano — a religião que repele as descobertas da ciência — a religião que despoja Deus de seus essenciais atributos, fazendo-o coparticipante das misérias humanas, e eleva certas e determinadas criaturas á categoria de deuses — a religião, enfim, que tem levado a descrença e a perturbação aos organismos sociais — procuraram uma tábua de salvação — uma luz, que permitisse aos homens medir a profundezas do abismo que se abre em sua desalentada carreira — esta luz êles a encontraram nos ensinamentos do Cristo, no próprio Evangelho em que Roma pretende apoiar seus ensinos.

E, como isto é destruir os abusos e êrrros com os próprios textos de que os fazem derivar, eis porque os interessados em sua continuação, distinguem, com o mais cordial furor, os atrevidos e indiscretos inovadores.